

Arquivo Aberto

Alentejanos, estremenhos ou algarvios? As mutações da identidade local em Sines

Parte IV

No número passado o tema principal foi a mais antiga referência escrita ao cante alentejano em Sines.

Neste número vamos regressar ao *Álbum Alentejano* e à identidade de Sines que esta publicação divulgava. Para esta publicação, mesmo que de forma inadvertida, a grande riqueza do concelho encontra-se no mar. Segundo a obra, Sines fornece peixe para todo o Alentejo (Muralha, 1937: 1132). A classe piscatória foi representada no documentário realizado sobre Sines aquando da inauguração do caminho de ferro em 1936, quando se noticiou a abertura da nova Casa de Repouso para Inválidos de Trabalho¹.

O Concelho de Sines era visto como uma área piscatória maleável, que podia ser facilmente enquadrada no mundo rural e tradicional que deveria ser o do Alentejo do *Álbum* de Pedro Muralha. A tradição operária vinda do século XIX estava a desaparecer com o fim lento da indústria corticeira e com a repressão política. Urgia afastar a imagem da vila corticeira, próxima da cintura industrial de Lisboa e de Setúbal.

A vila de Sines deveria ser identificada política e socialmente com uma vila piscatória, pacata e ordeira. Os pescadores e marítimos eram, ao contrário dos corticeiros, ordeiros e trabalhadores, na visão dos poderes políticos². Em 1935 o governador civil de Setúbal, no relatório mensal sobre o distrito, e após visitar o concelho numa acção de propaganda³, qualificou-o como um centro de agitação social no distrito, tal como o Barreiro e Setúbal⁴.

¹ AMSNS. CMSNS. Actas das sessões, livro 20, fl. 92, sessão de 17 de Maio de 1936.

² Ver, por exemplo, a reacção de um administrador do concelho durante uma greve em Sines, em 1916. AMSNS. *Administração do Concelho de Sines*. Copiadores da correspondência do administrador do Concelho de Sines para o governador civil de Lisboa, ofício n.º 64, de 24 de Fevereiro de 1915.

³ ANTT. Ministério do Interior, Relatórios Mensais dos Governadores Cíveis, relatório do mês de Setembro de 1935 do Governador Civil de Setúbal, maço 476, pasta 7/18, fl. 6.

⁴ ANTT. Ministério do Interior, Relatórios Mensais dos Governadores Cíveis, relatório do mês de Maio de 1935 do Governador Civil de Setúbal, maço 476, pasta 7/18, fl. 3.



Figura 1. Os pescadores nos painéis da Estação do Caminho de Ferro de Sines. Arquivo Municipal de Sines, Colecção Fotográfica, nº CF0262.007.



Figura 2. Sines: praia em dia de temporal (Portugal) [1930]. Arquivo Municipal de Sines, Colecção Fotográfica, nº CF0071.

Daí que a pesca e a comunidade piscatória tenham sido colocadas como actores da história e da sociedade locais, mesmo que a sua participação tenha sido sempre limitada e enquadrada pelos poderes políticos locais e pelas instituições corporativas criadas pelo Estado Novo. A constituição da casa dos Pescadores no que foi o Sanatório Prats, mesmo que tivesse funções sociais e assistenciais, obnubilou a memória do Sanatório e da fábrica de cortiça que o antecedeu. Esta visão da história local ainda hoje domina a imagem que os sinienses têm de si.

Também os azulejos da estação de caminho-de-ferro de Sines contam uma história diferente. Datam de 1936 e contam a história da então vila a partir dos factos conhecidos à época: Sines fora local de nascimento de Vasco da Gama, a sua praia foi o local da partida do absolutista D. Miguel para o exílio em 1834, a Ribeira era porto pitoresco, do qual saíam mercadorias pela cortiça, sim, mas em que a principal actividade era a pesca. Ao comparar postais ilustrados da vila de Sines, podemos reparar na coincidência entre os azulejos e os postais que retratam a pesca e a Ribeira, como neste exemplo que apresentamos.

Uma palavra para o que está ausente: a aldeia do Porto Côvo. A aldeia era ainda pertencente ao Conde de Porto Côvo em 1936. Por isso, a sua visibilidade em Sines era reduzida. O que constava em Sines e era discutido na *Folha de Sines* era a indisponibilidade do Conde do Porto Côvo para ceder um espaço para se instalar a escola primária.

Da mesma forma, também não encontramos nos postais a representação das indústrias, dos operários ou mesmo das ruas da vila. O que interessava era o pitoresco das actividades económicas mais tradicionais e ancoradas na sazonalidade: a pesca e o turismo.

Sandra Patrício
Arquivo Municipal de Sines
arquivo@mun-sines.pt